

A interface entre a narrativa midiática e a narrativa literária em *de uma a outra ilha*, de Ana Martins Marques¹

La interfaz entre la narrativa mediática y la narrativa literaria en *de uma a outra ilha*, de Ana Martins Marques

The interface between media narrative and literary narrative in *de uma a outra ilha*, by Ana Martins Marques



Lohayne Sousa²

Angela Guida³

Resumo: Desde a década de 50, com os Estudos Culturais na Grã-Bretanha, as relações com o discurso literário ganharam novos contornos. Este artigo discute tais desdobramentos a partir do diálogo entre *De uma a outra ilha* (2023), de Ana Martins Marques, e o discurso midiático sobre o campo de refugiados de Moria, situado na Ilha de Lesbos-Grécia. A pesquisa consiste em uma análise comparativa entre os versos da autora e reportagens veiculadas no *The New York Times*, *Gazeta do Povo* e *Euronews*,

¹ Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)- Campo Grande- Mato Grosso do Sul- Brasil.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)- Campo Grande- Mato Grosso do Sul- Brasil.

evidenciando como a poeta transfigura matérias jornalísticas em matéria poética. Para este diálogo serão importantes as reflexões postuladas por Josefina Ludmer em *Literaturas Pós-autônomas* (2010), em que a crítica literária argentina discute a fragilidade de noções como ficção e realidade, bem como artigos que compõem a publicação *O que são estudos culturais hoje?* (2022)

Palavras-chave: Discurso literário. Discurso midiático. Ana Martins Marques. Estudos culturais.

Resumen: Desde la década de 1950, con los Estudios Culturales en Gran Bretaña, las relaciones con el discurso literario adquirieron nuevos contornos. Este artículo discute tales desarrollos a partir del diálogo entre *De uma a outra ilha* (2023), de Ana Martins Marques, y el discurso mediático sobre el campo de refugiados de Moria, situado en la isla de Lesbos, Grecia. La investigación consiste en un análisis comparativo entre los versos de la autora y reportajes publicados en *The New York Times*, *Gazeta do Povo* y *Euronews*, evidenciando cómo la poeta transfigura material periodístico en materia poética. Para este diálogo serán importantes las reflexiones postuladas por Josefina Ludmer en *Literaturas Pós-autônomas* (2010), en las que la crítica literaria argentina discute la fragilidad de nociones como ficción y realidad, así como artículos que componen la publicación *O que são estudos culturais hoje?* (2022).

Palabras clave: Discurso literario. Discurso mediático. Ana Martins Marques. Estudios culturales.

Abstract: Since the 1950s, with Cultural Studies in Great Britain, relations with literary discourse have taken on new contours. This article discusses such developments through the dialogue between *De uma a outra ilha* (2023), by Ana Martins Marques, and the media discourse on the Moria refugee camp, located on the island of Lesbos, Greece. The research consists of a comparative analysis between the author's verses and reports published in *The New York Times*, *Gazeta do Povo* and *Euronews*, highlighting how the poet transfigures journalistic material into poetic matter. For this dialogue, the reflections proposed by Josefina Ludmer in *Literaturas Pós-autônomas* (2010), in which the Argentine literary critic discusses the fragility of notions such as fiction and reality, are

important, as well as articles that make up the publication *O que são estudos culturais hoje?* (2022).

Key-words: Literary discourse. Media discourse. Ana Martins Marques. Cultural studies.

Introdução

Eu leio a literatura atual como se fosse uma notícia.

(Ludmer, 2010, p. 3.)

Esses jovens, homens e mulheres,/ deviam
poder quebrar-se/ gradualmente contra o
mundo/ e não ser lançados assim/ ao mar
escuro/ com seus coletes
alaranjados/faiscando/ desabando depois na
praia/ com o baque de um jornal/
arremessado sobre o muro/ por um
motociclista apressado/ ininvelhecíveis

(Marques, 2023, p. 10.)

A crítica argentina Josefina Ludmer argumenta que a literatura do presente tem caminhado por territórios fluidos e fronteiras não delimitadas. Na concepção da crítica, a fluidez se dá em um espaço caro à literatura desde tempos remotos: realidade e ficção. Para definir esses tempos de literatura do presente, Ludmer criou o conceito *literaturas pós-autônomas*. Segundo a crítica literária, essas produções são marcadas por borrarem fronteiras: da literatura, da ficção e da realidade. Para ela, é uma espécie de reformulação do que se entende por realidade. “Tomam a forma do testemunho, da autobiografia, da *reportagem jornalística* [...]. Saem da literatura e entram na realidade do cotidiano (e o cotidiano é a TV e os meios de comunicação, os blogs, o e-mail, internet, etc)” (Ludmer, 2010, p. 2. *grifo nosso*).

Um dos aspectos abordados por Ludmer no conceito de *literaturas pós-autônomas* passa por uma discussão cara aos estudos literários, que diz respeito à questão da realidade e da ficção, mas que nas chamadas escrituras do presente perde sua centralidade, uma vez que muitas fronteiras foram borradas. Isso, na leitura de Ludmer, implica algum frescor na área, como fim das classificações literárias, fim das guerras e divisões assentadas em oposições historicamente carregadas de tradicionalismos. O problema do valor literário também vem a lume, pois noções como “boa” ou “má” literatura parecem não fazer muito sentido, visto que a maneira como se lê e de onde se lê são variáveis que devem ser consideradas nas literaturas pós-autônomas. Sobre a dicotomia entre realidade e ficção, Ludmer afirma:

[...] realidade cotidiana não é a realidade histórica referencial e verossímil do pensamento realista e da sua história política e social (a realidade separada da ficção), mas sim uma realidade produzida e construída pelos meios, pelas tecnologias e pelas ciências. É uma realidade que não quer ser representada porque já é pura representação: um tecido de palavras e imagens de diferentes velocidades, graus e densidades, interiores-exteriores a um sujeito que inclui o acontecimento, mas também o virtual o potencial, o mágico e o fantasmático[...]

Na “realidade cotidiana” não se opõe “sujeito” e “realidade” histórica. E tampouco, “literatura” e “história”, ficção e realidade. (Ludmer, 2010, p. 2.)

Embora Josefina Ludmer não faça referências explícitas aos Estudos Culturais, quando fala das literaturas do presente que atravessam as fronteiras literárias e as nomeia de literaturas pós-autônomas, é propensa a observação de uma herança desse campo nas reflexões da crítica argentina. Desse modo, mesmo sendo relido tantos anos após seu surgimento, é inegável o frescor que tais estudos trouxeram para o cenário da literatura. E um dos maiores ganhos, decerto, passa pela interdisciplinaridade e, por conseguinte, pelo questionamento de fronteiras de toda ordem.

Enquanto disciplina, os Estudos Culturais surgiram na Grã-Bretanha na década de 50, tendo entre os nomes de maior destaque os dos pesquisadores Raymond Williams e Stuart Hall. Conforme lembra Cevalco (2003), em um clássico no Brasil sobre a disciplina, para alguns pesquisadores, a abertura proporcionada por ela representava uma

ameaça para os amantes da chamada “boa literatura”, uma vez que se ampliava consideravelmente o alcance do monumento literário. O meio midiático acolheu bem os pressupostos dos Estudos Culturais, afinal, para as mídias, a *cultura pop*, também era contemplada pela disciplina. “Mídia e comunicações têm “[...] consideráveis superposições com os estudos culturais” (Ang, 2022, p. 38). Mas o cenário em que se deram as reivindicações do movimento que originou esse campo de estudos ainda se mantém o mesmo? Quais suas possíveis atualizações? Esse é o questionamento feito no livro *O que são estudos culturais hoje?* Em todos os capítulos que compõem a publicação, seus autores e autoras discutem questões importantes que se mantiveram e outras que não estavam em pauta quando o movimento deu seus primeiros passos, mas que na atual configuração do cenário mundial não podem ser desconsideradas, como imigração, emergência climática, inteligência artificial, entre outras. Para este trabalho, vamos nos concentrar na questão da imigração e como a tecnologia torna visível a crueldade e o abandono praticados contra os refugiados.

No caso específico da IA, ainda nos é impossível medir o impacto de sua abrangência em nosso cotidiano. As fronteiras entre realidade e ficção sobre as quais fala Josefina Ludmer ficam ainda mais porosas e fluidas, positiva ou negativamente, posto que a chamada *deepfake*, por exemplo, pela tamanha força de convencimento dessa narrativa imagética. Nesse sentido, “A manipulação é parte integrante da narrativa de mídia. [...] Uma vez que *deepfakes* visam obscurecer o real ou, pelo menos, substituir uma realidade por outra, eles criam possibilidades totalmente diferentes de interpretação” (Murray, 2022, p. 97). A mídia, sem qualquer dúvida, é uma contadora de histórias imprescindível na sociedade contemporânea, mas a literatura também o é. E o texto literário com o qual decidimos dialogar é a manifestação disso, pois ele nasce da interface da literatura com a mídia, essas duas potências narrativas.

Caminhos diferentes que levam ao mesmo destino

Histórias podem ser contadas de muitas formas, quer por meio de palavras, imagens, versos, ditos, não-ditos e até o silêncio pode ser uma fonte narrativa. Mudam-se os suportes, as formas de narrar as histórias, mas não o hábito de narrar, porque somos

seres de histórias. Nesse sentido, o discurso literário e o discurso midiático se inscrevem na tradição de contar histórias, ainda que por rotas diversas, conforme vamos discutir a partir da leitura da plaquete *De uma a outra ilha* (2023), da poeta mineira Ana Martins Marques. Aliás, é importante destacar que a estrutura narrativa das plaquetes literárias tem recebido alguma atenção do mercado editorial e midiático, além de ter despertado o interesse para uma forma nova de contar histórias, uma vez que, uma das regras da plaquete é o formato ligeiro, breve. A estrutura curta e condensada da plaquete foi tema de uma mesa na edição da FLIP de 2024. Um dos participantes da mesa e autor da plaquete *Rinha*, o escritor Rodrigo Santos (2024), disse que se preocupa com o ritmo do texto, porque, em sua leitura, o *streaming* modificou um pouco a maneira como nós leitores consumimos literatura.

Eu me preocupo muito com o ritmo do texto, porque acho que o *streaming* mudou um pouco a nossa forma de consumir literatura. Esse negócio de maratonar, de as pessoas abandonarem as séries... Sempre foi direito do leitor abandonar o livro, mas agora esse direito é levado às últimas consequências. Então como faço para levar o leitor até o final? (Santos, 2024)

As plaquetes se beneficiam da abertura atual para se pensar o chamado monumento literário, uma vez que tais produções englobam uma diversidade maior de gêneros no seu formato, como observa Martha Ribas (2023). Inclusive, é possível encontrar diversos posts de mídias sociais, como é o caso da plaquete de Bianca Ramoneda - *#tbt*, em que a autora compilou textos que foram publicados inicialmente em suas redes sociais.

De uma a outra ilha, de Ana Martins Marques, que nasceu de um convite feito a vários escritores para que produzissem um texto a partir de um espaço real ou imaginário. O espaço escolhido por Marques foi a Ilha de Lesbos, que outrora abrigara a poeta Safo (século VII a.C.). A plaquete de Marques nasceu da confluência entre o discurso literário e o discurso midiático, uma vez que a poeta, para a produção da referida obra, nutriu-se de várias matérias e reportagens publicadas na imprensa sobre o campo de refugiados de Moria, na Ilha de Lesbos, Grécia. A obra é um grande fragmento, um híbrido de poema

narrativo, pequenas notícias retiradas da mídia, uma obra cuja classificação escorre pelas mãos dos leitores, bem como Ludmer destaca no conceito de *literaturas pós-autônomas*.

O campo de refugiados de Moria é uma crise civilizatória e ética que, se não fosse pela visão de longo alcance de tantas mídias, talvez, não conhecêssemos. Muito diferente, por exemplo, do período do Holocausto nazista, no qual, segundo Didi-Huberman (2020) em *Imagens apesar de tudo*, apenas quatro fotografias feitas na clandestinidade por membros do *Sonderkommando* fizeram o registro imagético dos horrores que aconteceram nos campos de concentração, imagens que registram o inimaginável. Hoje, com tantos recursos tecnológicos, a mídia expõe para o mundo todo as atrocidades e desumanidades cometidas nos quatro cantos do mundo e o retrato dessas desumanidades é trazido a lume tanto em narrativas veiculadas na mídia quanto na plaquete de Ana Martins Marques, como é visível no fragmento de notícia da *BBC News*, – “O pior campo de refugiados do mundo” (NYE, 2018, s/p), bem como nos versos extraídos da plaquete *De uma a outra ilha*, “Como queimou o campo / de refugiados de Moria / o mais insalubre da Europa” (Marques, 2023, p. 7, *grifo nosso*). Mais do que evidenciar uma situação de deslocamento e de exílio, revelam a degradação humana e, por que não dizer, a falta de empatia *diante da dor dos outros*, para lembrar o título de uma famosa obra de Susan Sontag.

A plaquete *De uma a outra ilha* nos possibilita encenar as discussões em torno do discurso literário e midiático, pensando o midiático aqui como jornalístico, uma vez que é a partir de narrativas da imprensa que muito da narrativa literária de Marques se constrói. Mais precisamente, é na confluência desses discursos que nasce *De uma a outra ilha*. Assim sendo, no próximo tópico, propomos uma reflexão mais detida sobre tais relações. A própria poeta corrobora essa interface ao deixar uma nota explicativa ao final do poema: “Este poema toma como referências uma série de textos (e, às vezes, se apropria literalmente de trechos deles) [...] O poema se apropria também de trechos de uma série de reportagens e matérias jornalísticas.” (Marques, 2023, p. 34)

Quando os versos se cruzam com a notícia

Se, por um lado, a reportagem busca documentar e denunciar, operando dentro de uma lógica de objetividade factual, por outro, a literatura se permite o deslocamento, o não dito, a construção de imagens que sugerem mais do que determinam. No entanto, ambas compartilham um compromisso com a representação e com a necessidade de dar forma a uma experiência, tornando-a acessível ao olhar do outro por meio da narratividade. De acordo com Bulhões (2007, p. 22), “[...] o real nunca é algo intacto ou puro, mas se dá a conhecer sempre como linguagem, na constituição dos discursos.”. Sendo assim, tanto para a construção midiática em geral, quanto para a construção literária, lança-se mão da linguagem para produzir efeitos do real e, dessa forma, alcançar a interação com os leitores.

Um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de narratividade. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro [...] tanto literatura como jornalismo atuam como expedientes de conhecimento do mundo, sendo que a experiência literária parece preferir conhecer o mundo por meio da prática imaginativa e alegórica, a qual não é necessariamente menos “verdadeira” que a alternativa jornalística. (Bulhões, 2007, p. 40)

Num panorama histórico, a relação entre as mídias, principalmente o jornalismo, e a literatura sofreu mudanças. No Brasil, com a adesão ao modelo americano de noticiar, houve certa cisão com a literatura pelo privilégio de características como a objetividade, imparcialidade e factualidade que exigia o método, na tentativa de estruturar uma produção jornalística que representasse tão somente o conteúdo da notícia. Na contramão, surge o *New Journalism*, que buscava uma abordagem mais sensível e subjetiva com o uso presente da narratividade para aproximar o leitor (Leite, 2020). Todavia, é importante ressaltar o paradoxo da neutralidade jornalística:

A defesa pela ausência de juízo de valores na representação da realidade no campo jornalístico configurou-se, na prática, como essencial para o estabelecimento de uma suposta verdade, embora não se possa desprezar o fato de que o discurso humano é parcial por natureza, ou

para citar Bakhtin, não existe a possibilidade do discurso neutro. (Nicolato, 2006, p. 6.)

Dessa forma, é possível inferir que a cisão completa entre jornalismo e literatura é impedida justamente pela confluência com a linguagem, mesmo na tentativa de uma objetividade. Entre outras similaridades, literatura e jornalismo dialogam quanto ao foco narrativo, sequência dos fatos, tempo, além das personagens. Aliás, sob uma perspectiva histórica, da mesma prensa da qual saíam as notícias, também eram impressas as crônicas, que partilhavam do mesmo suporte no jornal, o que nos leva a refletir que se trata de práticas com inegáveis afinidades.

Ainda se sabe que a fluidez é uma tendência da literatura contemporânea que “explora as mestiçagens culturais por meio de uma linguagem também híbrida e uma escrita que desafia os limites dos gêneros literários” (Maciel *apud* Santos, 2020, p. 3). Essa perspectiva corrobora o procedimento estético de Ana Martins Marques ao transcrever fragmentos de reportagens e matérias jornalísticas nos poemas que compõem *De uma a outra ilha*.

No caso de *Moria*, na Ilha de Lesbos, as reportagens feitas sobre o campo, *i.e.*, os olhos tecnológicos que alcançaram aquele espaço conseguiram revelar ao mundo daquele lugar, jogaram luz sobre uma crise humanitária vivida pelos refugiados, acumulando dados, relatos e descrições que reforçam o caráter urgente e concreto da tragédia experienciada no campo diariamente. Já a escrita de Ana Martins Marques, transformada em plaquete, ao se apropriar dos mesmos elementos desse trágico cenário, insere-o em uma outra lógica discursiva, criando um campo de sensibilidade que amplia o entendimento da experiência humana para além da denúncia. Trata-se, indubitavelmente, de uma denúncia; porém, de caráter poético, que traz algo mais, que é a sensibilidade, na maioria das vezes, inerente à produção artístico-literária.

É nessa perspectiva que lemos *De uma a outra ilha*, isto é, em uma confluência entre a matéria poética e a matéria jornalística, pois, conforme discutido anteriormente, Ana Martins Marques também se nutriu de material midiático para produzir sua plaquete.

Essa relação se evidencia ao longo de todo o poema narrativo, manifestando-se inicialmente no modo como determinados elementos simbólicos, como os coletes salva-vidas, atravessam ambos os discursos, operando como marcas sensíveis da experiência do exílio. No fragmento a seguir, a poeta ressignifica esse objeto, colocando-o em diálogo com a narrativa jornalística:

Pense no que vai ficar
guardado para o futuro
talvez não os decretos
não os acordos
não os despachos
não os pedidos de asilo
não os vistos de trabalho
negados
mas trechos de um poema
displicentemente copiado
por um colegial distraído
a foto de uma pilha
de coletes salva-vidas
(Marques, 2023, p. 9)

Na plaquete de Ana Martins Marques, a poeta parece instigar uma postura de alteridade e solidariedade com aqueles humanos-objetos abandonados ao refletir sobre o que permanecerá como legado futuro das pessoas de Moria. A poeta não apenas registra a presença dos refugiados, mas se detém na materialidade dos objetos deixados para trás, nos rastros que testemunham a passagem dessas vidas pelo território; trata-se objetos que

se confundem com as próprias pessoas, afinal, era para ser um campo provisório e lá foram esquecidos como mercadorias indesejáveis. Os coletes salva-vidas, nesse contexto, não são apenas vestígios da travessia, mas marcas de uma existência que, apesar da precariedade e do abandono, insiste em ser lembrada. Os coletes e fragmentos de um poema se sobressaem como resistência à burocracia da imensidão de papéis que se exigem dos refugiados para retardar por anos sua entrada nos países de asilo/exílio até que eles desapareçam na paisagem dos campos. Na reportagem da *Euronews*, a preocupação se dispõe no sentido informativo, voltada para a urgência da crise humanitária, mas também se coloca de forma sensível: “A costa da ilha grega de Lesbos está pintada de cor de laranja, dos coletes salva-vidas abandonados pelos refugiados ao pisarem terra firme e, pontualmente, dos botes de borracha usados por traficantes.” (Euronews, 2015 s/p).

Na reportagem, o uso do colete salva-vidas surge como um elemento visual emblemático, associado ao risco da travessia e à vulnerabilidade dos refugiados. Na abordagem poética, ressignifica-se o objeto em uma dimensão subjetiva e memorialística, ao passo que a notícia utiliza essa imagem para enfatizar a gravidade da situação e sensibilizar o leitor por meio da materialidade concreta do desastre humanitário. Ainda que operem em registros distintos, ambas as produções recorrem ao mesmo símbolo para representar a cruenta realidade do campo de Moria, na Ilha de Lesbos, demonstrando como diferentes discursos podem confluir, que caminhos diferentes podem levar ao mesmo destino quando os versos se encontram com a notícia.

Figura 1 - Coletes salva-vidas no campo de Moria – Ilha de Lesbos



Fonte: Revista quatro cinco um (Carvalho, 2023, s/p)

Há outro momento que aproxima as reportagens que cobrem o campo de Moria na Ilha de Lesbos e a obra de Ana Martins Marques que merece destaque: o relato/testemunho. Ambas as produções trazem à lume as vozes desamparadas dos refugiados, cujos relatos foram reiteradamente silenciados. Dessa forma, o protagonismo captura, enfim, a experiência daqueles que tiveram o asilo negado. Nesse ponto, o texto jornalístico e o literário se alimentam das mesmas fontes e atuam como tradutores das vozes sociais de Moria. Enquanto grande parte das reportagens denuncia a condição desumana à qual os refugiados estão submetidos, a narrativa de Ana Martins Marques resgata o que há de afeto e humanidade nessas vidas, o que nos sugere mais aproximação e empatia *diante da dor dos outros* (Susan Sontag).

A ideia de que a produção jornalística se funda sobre a objetividade e a transparência oculta um aspecto central da narrativa jornalística: sua dimensão construtiva e, por conseguinte, representacional. Uma reportagem é resultado de escolhas de enquadramento, de vocabulário e de estruturação dos fatos, elementos que, em conjunto, moldam a forma como um acontecimento é compreendido. Nesse sentido, a notícia não apenas registra um evento, mas o reinscreve dentro de uma lógica discursiva

específica, conferindo ao fato noticiado a sua representação. Essa natureza textual permite compreender que, embora o jornalismo se pretenda um espelho do real, ele opera sob uma lógica inerentemente ficcional:

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção (...) a narrativa jornalística parece contígua ao fato, mas, ao se transformar em notícia, o acontecimento torna-se um texto submetido às categorias narrativas. (Sato *apud* Coração, 2009, p. 38, grifo do autor)

A partir dessa lógica, é relevante analisar como algumas reportagens representam o campo de Moria e os refugiados em contraste com a representação construída por Ana Martins Marques em sua obra. Esse exercício permite identificar pontos de convergência e divergência entre esses sistemas representativos, revelando como cada um deles constrói e ressignifica a experiência dos refugiados. Um dos possíveis pontos de aproximação entre a reportagem e a plaquete de Ana Martins Marques é o uso de dados numéricos para enfatizar a tragédia experienciada pelos refugiados. Em *De uma a outra ilha*, Marques incorpora informações quantitativas retiradas da mídia para construir um retrato do campo de Moria:

como queimou o campo
de refugiados de Moria
o mais insalubre da Europa
que chegou a abrigar mais de 12 mil imigrantes.
quatro vezes mais que sua capacidade declarada,
incluindo 4 mil crianças e adolescentes
(Marques, 2023, p. 7)

Esse dado faz referência ao incêndio que devastou Moria, em setembro de 2020, durante a pandemia de Covid-19. A notícia publicada em *O Globo* traz uma abordagem semelhante:

Um incêndio destruiu ontem o maior campo de refugiados da Grécia, o superlotado abrigo de Moria, na ilha de Lesbos, deixando 12.700 pessoas desabrigadas. A tensão vinha aumentando no campo, também conhecido como “a selva de Moria”, desde que o governo grego proibiu seus moradores de circular na ilha, no início da pandemia da Covid-19. (O Globo, 2020)

Figura 2 – Campo de Moria após o incêndio de 2020



Fonte: monitor do oriente (2020)

A representação dos dados tem uma função diversa em cada texto, uma vez que se trata de propósitos diferentes. No caso da matéria do jornal *O Globo*, os números servem para conferir objetividade e credibilidade à informação, reforçando o caráter documental do texto. Já na plaquete de Ana Martins Marques, é possível pensar nos dados numéricos para além da objetividade, mas também no sentido de sensibilizar os leitores diante da dor dos refugiados, o que se confirma logo adiante com os versos que vêm na sequência:

[...] onde estão
após abandonar
a terra onde nasceram
ou após terem sido
abandonados por ela
tendo ela ido embora dizendo
como a virgindade a Safo:
Nunca mais voltarei para ti, nunca mais
(Marques, 2023, p. 7-8).

Ainda assim, a escolha de incorporar dados estatísticos em ambas as produções é, por si só, um gesto representativo, demonstrando que, mesmo em registros distintos, a materialidade dos números pode operar como um elemento comum na construção da memória sobre Moria, quer no discurso literário, quer no discurso midiático-jornalístico.

Como já mencionado, um ponto de confluência entre a narrativa midiática, aqui exemplificada pelas reportagens, e a literária é o testemunho. A partir da página 19 da plaquete *De uma a outra ilha* (2023), Ana Martins Marques passa a citar nomes de refugiados cujos relatos foram originalmente publicados pelo *The New York Times* e reproduzidos na reportagem da *Gazeta do Povo* (2018). Com base nesse material, selecionamos alguns exemplos que ilustram como esses testemunhos aparecem representados nas duas produções; primeiro na reportagem jornalística, e, na sequência, na apropriação poética engendrada pela autora. Tanto no registro versificado feito por

Ana Martins Marques quanto no realizado pelos veículos midiáticos os leitores conseguem ter acesso a uma pequena fração da vida dessas pessoas vítimas da desmedida de governos totalitários e intolerâncias de toda ordem, que são obrigadas a buscar refúgio em outros países, mas, lamentavelmente, nem sempre são acolhidas com humanidade. Muito pelo contrário. Tornam-se corpos matáveis, vidas despojadas de valor político e reduzidas à mera existência biológica, expostas ao abandono e à morte. A primeira história que trazemos é da vida de Amir Ali:

Amir conseguiu deixar Moria, encontrou um trabalho como ajudante e depois como costureiro, alugou uma casa em Mitilene, capital de Lesbos, onde optou por ficar, depois de ter seu pedido de asilo aceito. (Magra, 2018, s/p)

Amir conseguiu deixar Moria
encontrou um trabalho como ajudante
e depois como costureiro
alugou uma casa em Lesbos, Mitilene,
onde optou por ficar
depois de ter seu pedido de asilo aceito.
(Marques, 2023, p. 19)

Ao transpor o relato jornalístico para a estrutura do verso, a poeta opera por meio de uma desaceleração. Enquanto na prosa jornalística há uma progressão horizontal, movida pela urgência para informar o desfecho, o poema impõe pausas. As quebras de linha (*enjambements*), induzem o leitor a ler a experiência de Amir Ali minuciosamente, focalizando em cada acontecimento, observando a conquista de um trabalho e de um lar para além de um dado informacional. De modo semelhante, a história de Ali Zaid reforça como a disposição poética pode conferir gravidade a um evento trágico:

Ali Zaid, 23 anos, iraquiano da Babilônia, vive já há cinco meses no acampamento improvisado. Ele deixou o Iraque para fugir do Estado Islâmico, depois que seu irmão foi morto, contou. (Magra, 2018, s/p)

Ali Zaid, 23 anos, iraquiano da Babilônia

vive já há cinco meses

no acampamento improvisado.

Ele deixou o Iraque

para fugir do Estado Islâmico

depois que seu irmão foi morto.

(Marques, 2023, p. 19)

Se na reportagem a morte do irmão de Ali Zaid aparece como uma justificativa causal para o deslocamento, no poema esse trauma ganha um espaço para ser pensado pelo que de fato é: uma tragédia. O isolamento do verso "depois que seu irmão foi morto" retira o fato da sucessão informacional da notícia e o destaca em uma suspensão. O último verso confere um silêncio após a informação da morte do irmão de Zaid, criando uma ressonância para a dor e o luto que a objetividade factual, em sua pressa narrativa, tende a neutralizar. Essa condição de vulnerabilidade também é observável no relato de Samir Alhabr em que o contraste evidencia como a poesia resgata o detalhe ínfimo para revelar a tragédia humana por trás do lugar perigoso descrito pela mídia:

Mesmo tendo vivenciado a guerra, Samir Alhabr, engenheiro iraquiano de 26 anos, descreveu o acampamento improvisado como "um lugar muito perigoso".

Alhabr viu os militantes do Estado Islâmico executarem seu pai e seu irmão e testemunhou muitas outras mortes no Iraque, contou. Mas a vida dentro do campo só aumentava a lista de seus traumas.

"Este lugar não é bom", disse.

Ele passou a dormir com seus bens mais valiosos – celular, dinheiro e cigarros – todos guardados em seus bolsos, para evitar ser roubado enquanto dorme. (Magra, 2018, s/p)

Mesmo tendo vivido a guerra,

Samir Alhabr,
engenheiro iraquiano de 26 anos,
descreveu o acampamento improvisado como
um lugar muito perigoso.
Alhabr, que viu os militares do Estado Islâmico
executarem seu pai e seu irmão
e testemunhou muitas outras mortes no Iraque,
disse: Este lugar não é bom.

Ele passou a dormir com seus bens mais valiosos
- celular, dinheiro e cigarros -
guardados em seus bolsos
para evitar ser roubado enquanto dorme.
(Marques, 2023, p. 19)

No poema, observa-se que os enjambements impõem destaques antes inexistentes no texto em prosa. As quebras induzem à reflexão e ao silêncio em cada encadeamento da história: a vivência da guerra, a afirmação de sua identidade pelo nome, sua formação profissional e a periculosidade do campo de Moria. A verticalização da trajetória de Alhabr, somada à extensão considerável do fragmento, demonstra a que ponto a desumanização alcança o sujeito no exílio e a quantos eventos traumáticos se sucederam. Na disposição poética, Ana Martins Marques retira Samir da estatística genérica e devolve-lhe a dignidade do indivíduo, ao mesmo tempo em que o espaço em branco ao redor do texto monumentaliza a dor de quem testemunhou a execução da própria família. Ainda, a estrofe separada destaca o desamparo do cotidiano como refugiado, o que na reportagem era um dado sobre a segurança dos pertences, no poema, o ato de dormir com

os bens nos bolsos simboliza a última fronteira da resistência de um sujeito reduzido à sua materialidade mínima.

É necessário retomar as reflexões de Josefina Ludmer (2010) acerca das literaturas pós-autônomas para fundamentar o hibridismo presente na obra de Ana Martins Marques. A leitura de *De uma a outra ilha* revela uma confluência deliberada entre a matéria poética e o registro documental da mídia jornalística. Embora ambos textos operem sob lógicas distintas, oscilando entre o informacional do texto jornalístico e a sensibilidade do poema, a interface estabelecida com as notícias do *The New York Times* e da *Gazeta do Povo* demonstra a permeabilidade entre os discursos. Nesse sentido, a fronteira entre o real e o ficcional permanece borrada, validando as palavras de Ludmer: “Eu leio a literatura atual como se fosse uma notícia” (2010, p. 4).

Conclusão

Inspirados pela publicação *O que são estudos culturais hoje?* trouxemos como questão-problema para este artigo a situação dos refugiados do campo de Moria, na Ilha de Lesbos, Grécia, que foi tematizada na plaquete *De uma a outra ilha*, da poeta mineira Ana Martins Marques.

Não há movimentos e/ou teorias que não apresentem problemas, *i.e.*, imunes a críticas, no entanto, há que se reconhecer que os Estudos Culturais, desde seu surgimento, no século passado, trouxeram contribuições importantes para os estudos literários e para as humanidades de um modo geral e, uma delas, foi o alargamento das fronteiras dos saberes que, desde então, circulam de maneira mais livre. Se não fosse por essa abertura, decerto, obras como a plaquete que trouxemos para este artigo, muito provavelmente não seriam possíveis, uma vez que nem de longe poderia ser considerada como literatura, visto que coloca em suspensão muitas classificações e se nutre de muitos saberes, entre eles, os produzidos pelas diferentes mídias, como foi demonstrado ao longo desta escrita. As literaturas pós-autônomas, conceito cunhado por Josefina Ludmer, ainda que a crítica argentina não tenha nomeado, dialoga seguramente com os pressupostos dos Estudos

Culturais em alguns aspectos, sobretudo, no que diz respeito à questão do questionamento em torno das fronteiras e, por conseguinte, das classificações que, em algum momento, aprisionam o pensamento. Não por acaso, Roland Barthes (2004) dizia que toda classificação é opressiva.

Desde quando os estudos culturais surgiram como disciplina no século passado, muita coisa mudou (outras ainda se mantêm), a configuração do mundo se alterou em alguns pontos significativos, muitos, sem dúvida, gerados pela chamada revolução tecnológica. Tecnologia que chegou, inclusive, à temática dos refugiados, uma vez que nada mais fica escondido com os olhos tecnológicos da mídia. Se os governos nada fazem para sanar as crises humanitárias que existem ao redor do mundo, como a do campo de refugiados de Moria, não é por desconhecimento do que lá acontece, pois os equipamentos mais sofisticados fazem o registro das atrocidades desses espaços insalubres. Talvez, só não sejam visíveis os sentimentos de dor e de saudade que cada um traz consigo por ter deixado a terra natal, pois, mesmo em meio ao perigo dos países de origem, muitos dos refugiados

[...] partiram porque tiveram que partir
tiveram uma casa pais paisagens
são comerciantes costureiros engenheiros pianistas
não são como as árvores[...]
arrancaram com as mãos as próprias raízes
e com dificuldade partiram, carregando-as. (Marques, 2023, p. 20).

O exílio, ainda que tudo dê certo ao final, como diz Edward Said, um dos principais estudiosos dessa temática, “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (2003, p. 47). Isso acontece porque “os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com

frequência em busca deles.” (Said, 2003. p. 52). Essa busca nos parece presente em *De uma a outra ilha* por meio do vazio dos colchetes dos versos: “os emigrantes sonham/ [...] queimam de desejo / e anseiam por []” (Marques, 2023. p. 7). Em vários versos, encontramos ressonâncias das vozes refugiadas e do sentimento de exílio que perpassam as vidas de Amir Ali, Ali Zaid, Samir Alhabr e muitos outros...

[] o exílio é como uma maçã avermelhando
no galho alto
fora de alcance -
a terra que esqueceram
não, não esqueceram
apenas não puderam
alcançá-la (Marques, 2023, p. 32)

Assim, a plaquete *De uma a outra ilha*, em sua estrutura e temática, ilustra o legado e, ao mesmo tempo, responde ao questionamento acerca do que são os estudos culturais hoje, pelo menos, foi o que tentamos dizer com esta proposta de diálogo midiático-literário.

Referências

- ANG, Ien. Sobre os estudos culturais, novamente. In: KARNOOP, Lodenir Becker, SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos, WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. (org.). **O que são estudos culturais hoje?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 33-44.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

- CARVALHO, Paula. O poema é uma ilha. **Quatro Cinco Um**, São Paulo, dez. 2023. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/poesia/o-poema-e-uma-ilha/> Acesso em: 25 jun. 2025.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CORAÇÃO. Cláudio Rodrigues. **Repórter-Cronista: Jornalismo e Literatura na interface de João Antônio com Lima Barreto**. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020.
- EURONEWS. Ilha de Lesbos luta para gerir fluxo de refugiados. **Euronews**, Notícias da Europa, [s.l.], 12 nov. 2015. Disponível em: <https://pt.euronews.com/my-europe/2015/11/12/ilha-de-lesbos-luta-para-gerir-fluxo-de-refugiados> Acesso em: 10 mar. 2025.
- LEITE, Vinicius Ramos. **Jornalismo e literatura: o perfil de quem está dos dois lados**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo): UNIALFA, Goiânia, 2020.
- LUDMER, Josefina. Literaturas Pós-autônomas. **Sopro Desterro - Panfleto Político Cultural**, [s.l.], n. 20, p.1-6, jan.2010. Disponível em: www.culturaebarbarie.org/sopro. Acesso em: 10 jul. 2025.
- MAGRA, Iliana. Lesbos: a ilha do desespero onde milhares de imigrantes estão ‘presos’. **Gazeta do Povo**, [s.l.], 22 abr. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/lesbos-a-ilha-do-desespero-onde-milhares-de-imigrantes-estaopresos-5cuj19hdzho8glzhes071w18c/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- MARQUES, Ana Martins. **De uma a outra ilha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- MONITOR DO ORIENTE. Campo de refugiados na Grécia é totalmente queimado. **Monitor do Oriente**, [s.l.], 9 set. 2020. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200909-campo-de-refugiados-na-grecia-e-totalmente-queimado/>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- MURRAY, Sarah. Estudos culturais Pós-digitais. In: KARNOOP, Lodenir Becker; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (org.). **O que são estudos culturais hoje?**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 92-109.

NICOLATO, Roberto. Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras. In: **Anais do 29º Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, Intercom, Brasília: Universidade de Brasília, 2006. Acesso em: 10 mar. 2025. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>

NYE, Catrin. O 'pior campo de refugiados do mundo', onde até crianças tentam o suicídio. **BBC News Brasil**, [s.l.], 30 ago. 2018. Disponível

em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45350156>. Acesso em: 10 mar. 2025.

O GLOBO. Maior campo de refugiados da Grécia pega fogo e mais de 10 mil pessoas ficam desabrigadas. **O Globo Mundo**, [s.l.], 09 set. 2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/maior-campo-de-refugiados-da-grecia-pega-fogo-mais-de-10-mil-pessoas-ficam-desabrigadas-24629972>. Acesso: 10 mar. 2025.

RIBAS, Martha. Plaquetes: entenda por que livros curtos com produção artesanal e bom preço ganham espaço no mercado. **O Globo**, [s.l.], 7 dez. 2023. Disponível

em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/12/07/plaquetes-entenda-por-que-livros-curtos-com-producao-artesanal-e-bom-preco-ganham-espaco-no-mercado.ghtml> . Acesso em: 25 jul. 2025.

SAID, Edward Wadie. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Diamila Medeiros dos. Intertextualidade na poesia brasileira contemporânea.

Eutomia, Recife, 26(1): 163-181, dez. 2020. Acesso em 20 jun. 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/245298/37404>

SANTOS, Rodrigo. Como nasce uma plaquete. **Revista Piauí**, [s.l.], 10 out. 2024. Disponível

em: <https://piaui.folha.uol.com.br/como-nasce-uma-plaquete-flip-2024/>. Acesso em: 2 julho 2025.

Submetido em: 4 de fevereiro de 2026.

Aprovado em: 27 de maio de 2026.